



Márcio Artur Laurelli Cypriano\*

# Benefícios sociais de fato

## Crescimento econômico é o caminho a ser trilhado

A queda do Produto Interno Bruto (PIB) detectada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no terceiro trimestre do ano gerou uma rica discussão na sociedade. A maioria dos analistas já esperava por um desempenho fraco, ou até mesmo negativo, depois de vários trimestres de alta. Mas nada como o que se viu: um PIB 1,2% menor que o do segundo trimestre.

Algumas razões foram apresentadas para esse resultado ruim. Excesso de estoques, queda do produto agrícola e do volume de investimentos foram as causas mais freqüentemente citadas pelas autoridades. A elas se acrescenta, naturalmente, a questão da taxa Selic, que limita o impulso econômico.

Todos esses fatores já estavam presentes nas planilhas de cálculo há algum tempo. Portanto, o que ocorreu com o PIB no terceiro trimestre não devia surpreender. No entanto, surpreendeu – provavelmente porque grande parte das pessoas que acompanha o noticiário econômico olhava apenas para o lado bom da economia. Um lado que apresenta números realmente vistosos: emprego e rendimento médio estão em escala ascendente, de acordo com o próprio IBGE; o risco-País é o mais baixo já registrado; o saldo da balança comercial é positivo em mais de US\$ 40 bilhões; a inflação, terminado o ano, deve situar-se ao redor do previsto.

Chamo a atenção para um

ponto específico neste rol de indicadores positivos. O crédito – que é fundamental para o crescimento econômico – aumentou seguidamente e representa, atualmente, cerca de 30% do PIB, a maior participação em uma década.

Essa ampliação do crédito, possibilitada pelos bancos, associada ao aumento de emprego e renda, sustentou o consumo das famílias ao longo dos últimos oito trimestres.

Não há contradição real entre esses dois grupos de resultados, o bom e o ruim. O que há é que a economia cresceu em 2005 até onde foi possível.

Se ela terá base para continuar a crescer daqui para a frente é a questão que deve nos preocupar no momento.

A retração do PIB no terceiro trimestre foi um aviso. Problemas como o da produção agrícola ou dos estoques podem ser contornados sem muitas dificuldades. Contudo, questões como a dos juros básicos e a da queda de investimentos devem ser enfrentadas sem mais demora.

O Brasil precisa de investimentos crescentes em praticamente todas as áreas da economia. Precisamos de plantas industriais modernas, de aprimoramento tecnológico, de capacitação profissional contínua. Sem isso, o crescimento econômico obtido nos dois últimos anos não se sustentará. Nem se sustentará o crescimento do emprego e da renda.

Nesse sentido, os bancos po-

dem oferecer uma importante contribuição na forma de crédito corporativo. É certo que as empresas, principalmente as de médio e grande porte, podem obter financiamentos de várias fontes para seus projetos, mas o crédito obtido junto a bancos é a fonte mais adequada. Entretanto, ao passo em que o crédito para as pessoas físicas cresceu vigorosamente, a carteira de crédito para grandes empresas permanece em patamar estável. Tecnicamente, os bancos estão preparados para atendê-las à altura.

O que falta, por parte das empresas, é a confiança necessária para efetivamente realizar seus projetos. E isso só virá com uma taxa Selic tecnicamente equilibrada entre os objetivos da meta inflacionária e a construção de uma economia moderna e competitiva.

O Brasil obteve, após muitos anos, um ambiente macroeconômico realmente sólido. Fizemos grandes avanços. Temos um sistema de câmbio flutuante, uma política de metas de inflação, a Lei de Responsabilidade Fiscal, a determinação em gerar superávits fiscais que possibilitem a redução da dívida pública a médio prazo.

Esse bom momento precisa ser aproveitado, precisa ser transformado em reais benefícios para a sociedade, na forma de crescimento econômico.

\* Presidente do Bradesco e da Febraban. Membro do Fórum de Líderes Empresariais